

FORMAS DE SOLIDÃO

E AMBIVALÊNCIA DA LIBERTADE

Neste trabalho queremos considerar o sentido da solidão humana, ou melhor, apresentar Jesus Cristo como Àquele que dá sentido à solidão do homem; isto é, não é um estudo sobre a solidão humana, mas sim procurar o seu sentido à luz de Cristo. Não é um estudo psicológico, mas teológico. Por isso, primeiro tentaremos descrever as características da solidão humana, enquanto tal, depois iremos interpretá-la à Luz de Cristo, que nos revela o seu sentido mais profundo.

Existem quatro formas de solidão

- A solidão ontológica ou existencial;
- A solidão devida à atividade e relacionamentos humanos;
- A solidão suportada ou imposta;
- A solidão do egoísmo e do pecado.

A solidão ontológica ou existencial

É comum a todos os seres humanos. Não depende das suas escolhas, mas está inscrita à própria natureza humana. É, podemos dizer, a condição da nossa existência. É uma solidão ontológica, uma solidão que não depende das circunstâncias fortuitas da existência. Contudo, é uma solidão que não pode ser negada, nem eliminada, só pode ser responsabilmente assumida. Pode conduzir a uma comunhão mais perfeita para com Deus e para com os outros, até chegar à comunhão perfeita do Céu, como também pode conduzir a extrema solidão do inferno. A solidão é uma experiência humana, da qual podemos tirar proveito ou prejuízo, depende da nossa forma de viver.

A solidão que deriva da ação

É aquela solidão que depende das escolhas pessoais de cada pessoa, dos compromissos assumidos, isto é, dos ideais de vida, da dedicação voluntária ao serviço dos outros, do testemunho voluntário da fé em Jesus Cristo. É uma forma de viver que envolve todos os relacionamentos humanos e acarreta uma solidão muito diferente da solidão ontológica, uma solidão que não é «natural», uma solidão que depende do estilo de vida que escolhemos. É uma solidão que deriva da

dedicação a uma causa, a um ideal de vida, à fidelidade à família, aos deveres, aos compromissos, ao testemunho coerente da fé em Cristo. Uma solidão que depende da fidelidade que provoca incompreensões, contrariedades e, até, perseguições. É um estilo de vida que produz solidão, uma solidão que assume as dimensões e as características da missão. Uma solidão crescente na medida da fidelidade aos valores que escolhemos. Não é uma solidão procurada, mas é inevitável pois sobrevém como efeito direto do nosso livre arbítrio, das nossas escolhas concretas e da nossa fidelidade.

A solidão suportada ou imposta

É aquela solidão que não escolhemos, mas acontece. Não é consequência do nosso agir, mas das circunstâncias da vida. Não é escolhida, nem desejada ou procurada, mas é pura e simplesmente imposta, ou suportada, como acontece por exemplo, a tantas pessoas que vivem desconhecidas no anonimato das cidades; a solidão dos idosos e dos doentes, de tantos homens e mulheres do nosso tempo; há certas formas de doenças que obrigam ao isolamento, ao corte doloroso das relações sociais; há depois a solidão que deriva das múltiplas formas de opressão; a solidão da perseguição por causa da justiça ou do testemunho da fé; a solidão da incompreensão da própria família, dos colegas de trabalho; a solidão dolorosa da rotura dos relacionamentos familiares, separações, divórcios, abandono, precariedade de recursos; em muitos países, a solidão do exílio, da emigração; a solidão do luto e da perda das pessoas queridas, e, portanto, uma solidão que não é consequência, direta ou indireta, de uma escolha livre do homem.

A solidão do egoísmo e do pecado

É aquela solidão que acontece quando os homens escolhem livremente, separar-se dos outros e, principalmente, de Deus. É a solidão a solidão do egoísmo e do pecado, da negação do bem e da recusa de Deus. Uma solidão livremente escolhida. Uma solidão culpada que tem consequências terríveis que ultrapassam os limites do espaço e do tempo e revestem as dimensões da eternidade, da solidão absoluta e extrema do inferno.

Ambivalência e liberdade

Não é fácil falar da solidão humana porque ela contém sempre aquela ambiguidade, consequência direta da nossa liberdade e reveste formas distintas e diversas dimensões. Em si mesma poderia simplesmente manifestar a individualidade de cada ser humano, mas pode exprimir a experiência dolorosa do isolamento. Poderia ser um simples sentimento, mas toca o mistério profundo de cada ser humano. Poderia ser aceite como consequência da fidelidade aos compromissos, mas pode também ser imposta e suportada pelas circunstâncias adversas da vida. Pode ser consequência direta do egoísmo e do pecado, daquela rebelião primordial e, até, sinónimo do inferno, como também, pode ser enfrentada à luz da fé, como condição fonte de comunhão e santidade. A solidão portando é ambivalente, pode ser considerada uma desgraça, mas também um tesouro precioso, positivamente procurado e amado. Mesmo a solidão imposta, negativa e agressiva como ela é, pode produzir separações e roturas dolorosas, como também, pode tornar-se positiva e fecunda, tal como foi a solidão redentora de Cristo e corredentora dos santos. A solidão da velhice e da doença, da incompreensão e da perseguição, pode conduzir ao desanimo, à revolta, ao isolamento agressivo, mas pode também, em última análise, ser assumida, santificada e transfigurada pela fé em Cristo e tornar-se fonte de compreensão humana. A solidão pode ser o resultado de fidelidade a um ideal e sinal de esperança, mas também sinal fruto do egoísmo e do orgulho e do pecado e sinónimo de inferno. mas também, pode ser fonte de comunhão e de santidade, que preanuncia a comunhão perfeita do Céu. Em muitos casos, a solidão aparece como uma desgraça, mas noutros casos vezes é aceite com uma realidade positiva, procurada e amada, fonte de amor e de paz.

Para os cristãos, a solidão, mesmo a mais dolorosa, pode ser vivida à luz da fé, imitando Jesus no Seu abandono filial no Pai e, assim, tornar-se fonte de comunhão indefetível e profunda, como sempre foi a solidão corredentora dos santos.

A solidão ontológica é inerente a nossa natureza humana, não é escolhida, nem pode ser eliminada, só pode ser positivamente aceite. Não existe relação humana que a possa preencher ou suavizar, nem sequer a intimidade conjugal. Só Deus pode entrar nela e infundir a paz. Esta solidão desafia a nossa capacidade de suportação, mas quando é positivamente aceite, torna-se uma boa companheira que nos ajuda a crescer em humanidade e santidade. A mesma coisa acontece por

solidão de ação, a qual aumenta na medida em que mantemos fidelidade à nossa missão. A solidão, em certos casos, é livremente escolhida e procurada, como acontece na vida ascética e contemplativa, e torna-se positiva e fecunda, tal como foi positiva e fecunda a solidão redentora de Cristo e como é solidão corredentora dos santos. Seja como for, qualquer forma de solidão conserva sempre a sua ambivalência, pode ser assumida e vivida positivamente e tornar-se fecunda, como pode ser negada e rejeitada, como realidade negativa, até ao isolamento radical do inferno. A mesma solidão joga a proveito ou a prejuízo, depende da atitude de cada homem.

As respostas humanas

A razão humana oferece, com certeza, respostas valiosas para superar as diversas formas de solidão; resposta de uma notável densidade antropológica, porque propõem o diálogo, a amizade, o amor, o altruísmo, a generosidade, enfim, a necessidade da solidariedade em nome da humanidade, pois estamos todos no mesmo barco. Trata-se de respostas autênticas, mas intrinsecamente limitadas à vida terrena, enquanto ser humano procura e exige um significado transcendente e o encontro pessoal com Àquele que é a fonte e fim último da nossa vida. Toda a Sagrada Escritura é resposta a esta questão fundamental, mas sobretudo o Mistério de Cristo. Nele podemos discernir a presença de todas as formas de solidão humana. Ele, mesmo sendo o Filho de Deus, assumiu de tal forma a nossa natureza humana, que não quis poupar-se desta experiência tão humana; conheceu-a em todas as suas dimensões, sobretudo, de forma dramática, no Jardim das Oliveiras e no alto da cruz. A solidão de Jesus Cristo desde sempre foi objeto da piedade e da devoção de todos os cristãos e tem alimentado a espiritualidade de muitos santos. A solidão de Cristo não é só matéria de contemplação, mas também um tema teológico. Podemos dizer que a solidão humana, assumida por Cristo, é a Revelação de Deus em ato.

As respostas humanas que apontam para o diálogo, a amizade, o amor e a solidariedade, embora sejam autênticas, se revelam intrinsecamente limitadas. Por isso, iremos falar do mistério de Cristo que, na sua humanidade, assumiu de tal forma a experiência da nossa solidão, em todas as suas formas, exceto a do pecado, sobretudo no Jardim das Oliveiras e no alto da cruz. A solidão de Jesus Cristo, desde sempre foi e continua a ser objeto de meditação e de devoção popular de muitos

cristãos, alimentou a espiritualidade e a contemplação de muitos santos, é também um tema teológico de fundamental importância.

(padreleo.org)